



Sociedade das Ciências Antigas

Karl Von Eckartshausen



Autor de “**A Nuvem sobre o Santuário**”¹ e “**Das Forças Mágicas da Natureza**”, nasceu no castelo de Haimhausen (Baviera) em 28 de Junho de 1752, e morreu em Munique em 13 de Maio de 1803². Filho ilegítimo do conde Karl Von Haimhausen e de Maria Anna Eckart, a filha de seu intendente, levaria o nome de seu pai e um sobrenome inventado que reúne os sobrenomes paterno e materno: Eckartshausen.

Por conta de uma infância bastante desafortunada e por causa de seu nascimento pouco convencional, o jovem Karl Eckartshausen não receberia o título de nobreza até acabar seus estudos universitários, podendo chamar-se então Karl Von Eckartshausen. Recebeu uma educação esmerada e seguiu com proveito seus estudos, tornando-se um dos escritores mais fecundos de toda Alemanha e uma das figuras mais importantes, da teosofia cristã.

Dotado de uma sensibilidade fora do comum, sua vida se viu influenciada desde sua mais tenra infância pelo mágico, pelo sobrenatural. Sabemos que, a partir dos sete anos teve sonhos e experiências muito importantes para sua vida interior, cuja interpretação lhe seria proporcionada por sonhos posteriores. Como escreveria ele próprio a outro grande teósofo, Kirshberger, “a luz que brilha nas trevas me proporciona o conhecimento das coisas ocultas”. A luz foi precisamente uma de suas obsessões, à qual dedicou opúsculos inteiros³. Em “**A Nuvem Sobre o Santuário**”⁴ nos explica que “assim com a luz exterior nos ilumina pelo caminho da nossa peregrinação, a luz interior nos ilumina pelo caminho da salvação”. Podemos, pois, falar de uma “Teosofia da Luz”, inclusive de uma “Filosofia da Luz”, baseadas em sua experiência e em seu contato com a realidade transcendente. Nesta obra, “**A Nuvem Sobre o Santuário**”, Eckartshausen afirma categoricamente que “mediante a luz o mago encontrará sabedoria e

¹ *A Nuvem sobre o Santuário* (1802). Existem, pelo menos, três traduções espanholas diferentes deste texto extraordinário. Recomendamos a de Joan Mateu Rotger, *A Nuvem sobre o Santuário, Cartas Metafísicas*, Ed. Obelisco, Barcelona, 1992.

² Todos estes dados biográficos foram tomados do excelente trabalho de Antoine Faivre, *Eckartshausen et la Théosophie Chrétienne*, Ed. Kliensieck, Paris 1969. Trata-se, sem dúvida, do melhor livro que se escreveu sobre o teósofo alemão.

³ *Die neuesten Entdeckungen über Licht, Wärme und Feuer*, Munich, 1798.

⁴ K. v. Eckartshausen, *A Nuvem... Op. Cit.* p. 13.

força” e que “a luz que conhecemos neste mundo caído é só um reflexo, um empréstimo dos sentidos e pode conduzir ao conhecimento ou à ciência, mas nunca à sabedoria”.

Para Eckartshausen, a “luz física percebida pelo homem não é a verdadeira luz, mas unicamente um símbolo de nossa pátria celeste”.

Em 1770, Eckartshausen matriculou-se na Universidade de Ingolstadt, dirigida por jesuítas, onde permaneceu por volta de três anos. Em 1774, depois de alguns estudos particularmente brilhantes, obteve o *Absolutorium*.

Em 1776, graças às influências da família paterna (seu pai era conselheiro particular do Príncipe-Eleitor), obtém o posto honorário, mas escassamente remunerado de Conselheiro Palaciano, estreitamente relacionado com as atividades do tipo jurídico às quais se dedicaria a partir de 1779.

Nesse mesmo ano casou-se com Genoveva Quiquérez, de origem obscura, que faleceria ao cabo de dois anos. Em 1781 casa-se de novo, com Gabriela Von Wolter, filha de Johann Anton Von Wolter, médico pessoal do Príncipe-Eleitor, Karl Theodor e diretor da faculdade de Medicina da Universidade de Ingolstadt. Em breve nasce o fruto desse matrimônio, Sophia Teresia Gabriela.

Em 1777, Eckartshausen foi admitido na Academia das Ciências de Munique, da qual foi membro assíduo até o ano de 1800, e onde apresentou um grande número de conferências. O diretor da seção histórica da Academia, Ferdinand Von Sterzinger, se interessava, como Eckartshausen, pela magia e pelos fenômenos ocultos. Nesta mesma academia realizou toda uma série de experimentos físicos e alquímicos que influenciaram de modo decisivo suas obras.

Entre 1780 e 1783, se dedicou especialmente a seu trabalho como jurista, no qual tentou plasmar seus ideais humanitários, especializando-se em Criminologia. Como escreve seu biógrafo, Antoine Faivre⁵: “Estas atividades o influenciaram profundamente; em vez de endurecer seu coração, desenvolveram sua piedade, fizeram dele um defensor dos fracos e dos oprimidos”. Sua produção literária daquela época esteve estreitamente vinculada com seu trabalho. Um dos muitos opúsculos que por aquele tempo fez imprimir levava por título “**Das origens dos delitos e da possibilidade de evitá-los**”.

Em 1780, Eckartshausen ingressou no “Colégio da Censura” e, a partir daí, trabalhando como censor, se encarregaria especialmente da revisão de obras sobre Direito e Literatura.

Três anos depois, a Corte lhe ofereceu o posto de “Arquivista Secreto”, emprego bem remunerado que, enquanto lhe solucionaria seus problemas econômicos, lhe atrairia não pouca inveja. Em 1786 publicou uma obra intitulada “**Da organização prática e sistemática dos Arquivos Principescos em geral**”. Seu trabalho como censor e como arquivista, ao qual dedicaria a maior parte de seu tempo, lhe permitiu, entretanto, ler muito e enriquecer-se culturalmente.

A partir de 1788, ano em que publicou seus “**Esclarecimentos sobre a Magia**”, a produção literária de Eckartshausen centrou-se, sobretudo em temas esotéricos. No entanto, o teatro ocuparia um lugar proeminente dentro de sua obra; escreveu, publicou e estreou com certo êxito várias obras neste gênero.

Ao mesmo tempo em que empreendeu uma busca do tipo filosófico, Eckartshausen se entrega também a experimentos de cunho prático em campos como a física e a alquimia. Em 1798, por exemplo, publicou

⁵ Eckartshausen, *Op. Cit.*, p. 53.

um tratado sobre **“As descobertas mais recentes sobre o Calor e o Fogo”**, que lhe tomou dois anos de experiências práticas.

Em 1799 publicou um artigo que não se atreveu assinar, no qual pretendia reduzir todas as ciências a um princípio universal “que permite descobrir em todas as artes e todas as ciências o que até então só havia sido considerado como o efeito do acaso”. Neste escrito, Eckartshausen demonstra que o princípio da matéria é indivisível e incorruptível. Para ele, todos os fenômenos da natureza se produzem por síntese e análise da luz. A sombra também é matéria real, suscetível de ser concentrada até tornar-se palpável. No seu livro **“A Nuvem sobre o Santuário”** ele assegura que “a escuridão e a luz são verdadeiras substâncias”. Alguns anos antes, havia construído uma máquina que permitia relacionar os odores com as cores, graças à qual se descobriu que existia uma analogia entre as cores, as idéias, os odores e as paixões. Tanto essa máquina como suas investigações neste campo lhe atrairiam também problemas e inimizades, já que se levantou a temática de que “queria introduzir na Academia questões de Teosofia e de Cabala”.

Pouco depois, publicou outro polêmico artigo intitulado **“Novas descobertas sobre a incorruptibilidade das coisas, a conservação e a perpetuação dos seres”**, no qual afirma ser capaz de separar a matéria luminosa dos corpos.

Contudo, a obra mais famosa de Karl Von Eckartshausen não aparecerá até uns poucos anos antes de sua morte: **“A Nuvem sobre o Santuário ou algo que não suspeita a orgulhosa filosofia de nosso século”**, que alcançaria um grande êxito e logo seria reeditada e traduzida para vários idiomas.

Até aqui vimos de forma geral como era o personagem exterior e pública de Eckartshausen. No entanto, o realmente importante é o Eckartshausen secreto, o membro da **Comunidade luminosa de Deus**, da **“Escola da Via Interior”** “dispersa por todo o mundo, mas governada por uma verdade e unida por um único espírito”.⁶ Dela, obviamente, não se pode falar senão de dentro; mas o que quer que desejemos averiguar do Eckartshausen secreto e da Via Interior o encontraremos em suas obras.

E de reconhecer que é difícil, com os poucos dados disponíveis, fazer-se uma idéia da extraordinária importância deste Místico Alemão. Talvez se possa suprir esta falta repassando algumas das idéias principais que deixou em seus escritos.

Eckartshausen é um espírito inquieto, a quem tudo interessa: escreveu poesias teatro, novelas e ensaios. Com toda certeza ele mesmo traduziu, ao menos parcialmente, muitos dos textos nos quais baseia suas exposições.

Em seus numerosos ensaios, desenvolve um completo sistema cosmogônico, escreve páginas admiráveis sobre Deus e o Homem, se interessa pelo mundo dos espíritos e não se envergonha de confessar que está em contato com eles e que lhes deve não poucas inspirações. Por outro lado, também avisa dos perigos que comporta este tipo de intercâmbio. Contudo, o que realmente interessa a Eckartshausen, sua grande preocupação, é a religião. Em **“A Nuvem sobre o Santuário”**⁷ escreve que “a religião está destinada a reunir nele (o templo) o homem com Deus” e “a religião consiste neste único e grande mistério da redenção, que se nos revela de uma maneira meramente simbólica em todas as cerimônias e representações religiosas”.

⁶ Eckartshausen, *Op. Cit.*, p.38.

⁷ Eckartshausen, *Op. Cit.*, p.54.

A grande erudição do autor engloba todas as disciplinas, profanas esotéricas e sua pena toca brilhantemente quase todos os temas. Em “**Das Forças mágicas da Natureza**” cita profusamente as Sagradas Escrituras⁸ e se apóia nelas. Começa apresentando um tema apaixonante para muitos, como é a magia, para acabar falando do que realmente lhe interessa: a religião, como se a verdadeira finalidade deste livro fosse revelar os arcanos desta última. Eckartshausen cita Bacon de Barulamio que afirmava que “só um filósofo superficial se permite desprezar a religião”. Ele escreveu este breve tratado para mostrar aos que buscam a verdade que existe uma completa harmonia entre o espiritual e o físico.

Karl Von Eckartshausen e a magia

A linguagem do texto abaixo é uma linguagem técnica, dificilmente compreensível para o não iniciado, mas que impacta por sua simplicidade e inspiração. Eckartshausen tem um ponto de vista muito particular da magia, uma visão que não parece pertencer a nenhuma escola em particular. Para ele, a magia é, antes de tudo, uma força. Uma força que tem seu efeito no interior dos seres e que funciona por atração, por afinidade, por ressonância, permitindo manifestar o interior no mundo exterior. Mas, ao mesmo tempo, a magia é “uma obra interior na qual se põe em jogo o natural e o sobrenatural” e “a cada operação mágica corresponde um prévio despertar do espírito”⁹. A ação da magia é possível graças ao mais fino e sutil dos ares, o éter. Este é o maior mistério da magia natural: “O éter é como um espelho onde se reflete tudo”. Contemplando-o o mago tem acesso à onisciência. Este “Ser dos Seres”, como o chama Eckartshausen, é “uma força circular que atua em sete facetas cada uma das quais remete à outra..”. Poderíamos dizer que o éter é a força que move as forças, o espírito astral que está por cima e em situação de analogia com as sete forças astrais, as forças invisíveis da Natureza.

Estas forças astrais dependem de uma capacidade humana que é a imaginação criativa, capacidade de ordem transcendente que não se deve confundir com a fantasia ou a alucinação. Esta capacidade não se pode desenvolver mediante a ingestão de drogas ou narcóticos; antes ao contrário, eles podem influenciá-la de maneira nociva senão que pela prática da mais alta espiritualidade.

A imaginação criativa é uma *Einbildungskraft*, ou seja “uma faculdade capaz de criar uma imagem a partir de outras, de assimilar, de unir”.

O mago trabalha sobre esta imaginação criativa através do desejo. Este é, de certo modo, a semente do objeto desejado. Se esta semente é plantada na terra conveniente e é oportunamente regada, o mago obterá o fruto desejado. Mas, de maneira geral, o homem comum só deseja de um modo inconsciente, sem ter uma idéia clara e precisa daquilo que aspira, e mais que desejo, seu querer deveria chamar-se “capricho”. A Vontade pelas coisas divinas é algo que o homem perdeu, ao menos parcialmente, com a queda, mas que pode ir recuperando pela prática constante das virtudes, da oração e da fé.

“O espírito astral está sujeito à Vontade do ser humano e pode fazer-se ativo e tangível mediante a Vontade humana”.

Eckartshausen explica que “existe uma faixa ou âmbito no qual o ser humano pode entrar em contato com o Espírito universal; neste âmbito, o espírito humano e o Espírito universal formam um ”Continuum“.

⁸ Em suas *Noites místicas*, p. 269 Munich, 1791, Eckartshausen escreve que «a regeneração é a transformação do homem-animal em homem-espírito» recuperando-se assim a dignidade perdida e que “a revelação nos ajuda a reencontrá-la”.

⁹ Em suas *Aclarações sobre a magia*, IV-99, Munich, 1788, nosso autor opina que “O espírito de Deus em uma alma regenerada, essa é a verdadeira magia”.

Quando se conhece esta "faixa" e se permanece em contato com o Espírito universal, o desejo pelo divino do mago se realiza".

Macrocosmos e Microcosmos

Para Eckartshausen, todo o visível está intimamente ligado com o invisível por leis eternas, pois ambos constituem uma cadeia única, pela qual, na pura inteligência suprema não há nem "encima" nem "embaixo", nem "dentro" nem "fora". Ele coincide com outros teósofos cristãos como Boehme e Louis Claude de Saint Martin para quem "os seres vivos imitam, em sua estrutura, o mundo astral em sua totalidade: o que está acima é como o que está embaixo".

Todas as coisas estão ligadas entre si por laços invisíveis e não evidentes. Inclusive a menor coisa tem sua importância, já que está em relação com o todo. A menor mudança pode produzir os maiores transtornos: nisto radica a efetividade e o perigo da operatividade dentro da espiritualidade.

"O mundo visível, com todas suas criaturas, não é mais que a figura do mundo invisível; o exterior é a assinatura do interior... O interior trabalha constantemente para manifestar-se no exterior". Os espíritos da Natureza obedecem à Vontade do mago porque "Macrocosmos e Microcosmos estão unidos". "Tudo o que está no interior, assim como a maneira como atua, se manifesta no exterior".

A humildade e os símbolos

O estudo dos símbolos é indispensável na Espiritualidade dada à harmonia existente entre os seres e as coisas Divinas. Segundo Eckartshausen, o estudo dos símbolos permite compreender com o coração o que poderia estar vedado à inteligência. "O corpo humano nos proporciona exemplos preciosos de uma analogia não só poética, senão real e fundada sobre fatos: o homem que sobe por uma encosta, inclina a cabeça, aquele que desce, pelo contrário, a levanta. Isto significa que a humildade é necessária para aquele que quer subir e que o orgulhoso realiza o contrário de um progresso".¹⁰

O homem pode alcançar o conhecimento das verdades superiores graças aos símbolos deste mundo, pois o corpo visível é o símbolo ou a sombra do invisível. O homem é um Microcosmo que está em relação exata com o espírito do Macrocosmo.

"Toda forma é a letra viva de um alfabeto; na natureza podemos ler como em um livro aberto o amor, a verdade e a sabedoria de Deus". A leitura dos símbolos nos elevará até as formas primordiais desta escritura.

Mas o acesso à compreensão dos símbolos, vedado à inteligência, é, sobretudo "um caminho do coração" e um das portas de entrada para a Via Interior.

Adão: O homem

Uma parte importantíssima do pensamento de Eckartshausen parece centrar-se num tema que se repete em praticamente todos seus ensaios: o homem. De fato, Adão era o ponto central, o rei da Criação. O homem atual, caído e exilado, embora tenha perdido as prerrogativas adâmicas, conserva a necessidade do estado luminoso do primeiro pai. Eckartshausen sabe ver mais além das aparências e intui o singular destino do homem, sua ignorada grandeza.

¹⁰ *Esclarecimentos sobre a magia, Op. Cit., IV-378.*

“O primeiro homem era um grande mago que caiu e perdeu sua sabedoria”, escreve. Por isso a magia, entendida como ele a entende é antes de tudo é o meio de reunir religiosamente o homem com seu Criador.

Criado à imagem e semelhança de Deus, o homem está destinado a uma felicidade semelhante à de seu Criador. No paraíso, o homem tinha um Corpo de Luz, um corpo “constituído por energia concentrada da luz e dos elementos, antes que estes elementos fossem destruídos pela queda”. Segundo Eckartshausen, esse corpo estava composto por três partes de luz e uma de matéria. Por outro lado, o homem era livre: sua liberdade consistia em permanecer ligado ao Criador ou afastar-se Dele. Ao se afastar por causa da concupiscência, o ser primordial, o homem de luz, cai no mundo imperfeito da matéria. Este estado é comparado por Eckartshausen a um envenenamento: “A doença dos homens é um verdadeiro envenenamento; o homem comeu do fruto da árvore em que dominava o princípio corruptível e material e se envenenou ao desfrutá-lo”.¹¹

Seu corpo, constituído por energia luminosa concentrada, não tinha que alimentar-se mais que de alimentos incorruptíveis, de alimentos luminosos, mas provou o alimento perecível, com o que se tornou perecível e mortal. O homem está na terra para alcançar o mais alto grau de felicidade, mas não no tempo, senão na eternidade. No entanto, neste mundo, pode encontrar “o ponto a partir do qual se extraviou”.

As imagens que Eckartshausen utiliza para explicar este mistério da queda e da regeneração são, às vezes, comovedoras: “O homem é semelhante a um fogo concentrado e encerrado em um invólucro grosseiro; está separado do fogo primordial ao qual aspira unir-se”. “Temos que queimar o invólucro que nos recobre de modo que este fogo não se reduza a uma simples faísca. Então consumirá tudo o que é impuro, modificará o corpo, o fará receptivo a Deus..”. “Esta alquimia é facilitada pelo fato de que existe, no mais secreto da natureza física, uma substância pura que pode ajudar-nos a liberar a alma divina encerrada em nós: esta substância é a essência paradisíaca que a queda do homem encerrou na matéria grosseira e que desde então enlanguesce sob suas cadeias”.

Para Eckartshausen, o homem “é o objeto mais importante do mundo. As duas ordens de conhecimento nas quais participa fazem dele como uma árvore cuja raiz é o espírito: o tronco e os galhos as faculdades; a folhagem, as palavras; as flores, a Vontade; o fruto, a virtude. Ai da árvore que não dá frutos!”

A queda e a redenção

O tema da queda é um dos que trata mais prolificamente, sobretudo nas obras relacionadas com a magia e o esoterismo. Vejamos, por alto, quais eram suas idéias a este respeito.

Antes da queda, o homem era sábio, pois estava unido à sabedoria: depois deste funesto acontecimento foi separado dela.

Criado para a contemplação e o gozo espirituais, Adão, dispondo da liberdade¹² que Deus lhe havia dado, quis gozar dos bens materiais que lhe estavam submetidos, para isso ele necessitava de um corpo mais grosseiro.

¹¹ Eckartshausen, *A Nuvem...*, Op. Cit., p. 95.

¹² Em seu livro *Sobre os hieróglifos mais importantes do coração humano*, Eckartshausen assinala que “a liberdade de Adão consistia em permanecer ligado à Unidade ou afastar-se dela”.

Isto nos indica que tudo, inclusive a queda, tem um sentido providencial. Como assinala Louis Cattiaux em sua “**Mensagem Reencontrada**” (XXV-44): “A queda do homem tem uma finalidade divinamente elevada, que é a aquisição de um corpo baixo e sua glorificação em Deus”.

No jardim do Éden, Adão era feliz. Sua felicidade consistia em contemplar as energias da Unidade e em gozar, participando delas, da energia divina original. Esta idéia de “gozar” que está totalmente de acordo com a etimologia hebraica do Éden, que significa “voluptuosidade”, merece talvez um breve comentário. No latim, ‘gozar’ é *fruor* (daí vem a palavra ‘fruição’). De *fruor* provém *fructus*, ‘gozo, prazer, deleite, usufruto’, e também ‘fruto’.

Na simbologia cristã, o fruto representa a palavra. Em um antigo texto cristão, a “**Epístola a Diogneto**”¹³ pode-se ler: “Aqueles que amam verdadeiramente a Deus se tornam um paraíso de delícias. Uma árvore carregada de frutos, de vigorosa seiva, cresce neles e são ornados com os frutos mais ricos”. E em outro texto, esta vez um delicioso fragmento de um discreto autor do Século de Ouro espanhol, a “**Visión Delectable**” de Alfonso de la Torre, referindo-se aos profetas: “Aqueles que têm em sua vida a visão de Deus em sua fruição, na qual são a alegria e o gozo tão grandes, que exceto aquela (visão de Deus), todas as coisas do mundo lhes parecem um pouco de lodo”.

Lembremos que, precisamente falando de profetas, o **Evangelho segundo Mateus** (VII-16) diz “por seus frutos os conhecereis”.

Sacerdote da divindade, mago verdadeiro, Adão tinha recebido o conhecimento da ordem das coisas e sua missão era colocá-las no lugar que lhes correspondia. Deste modo, o primeiro homem fazia a ponte entre a matéria e o espírito; era o coadjuvante de Deus. Era “uma criatura intermediária que religava o mundo espiritual com o mundo sensível”.

A queda é, para Eckartshausen, “um envenenamento”. O primeiro efeito deste envenenamento foi que “o princípio incorruptível (o que se pode chamar corpo de vida, assim como a matéria do pecado é corpo de morte) cuja expansão constituía a perfeição de Adão, se concentrou no interior e abandonou o exterior ao domínio dos elementos”.

Deste modo, o homem caído perdeu a capacidade mágica ficando o mundo exterior fora de seu domínio. As conseqüências naturais desta perda de luz, diz Eckartshausen, “foram a ignorância, as paixões, a dor, a miséria e a morte”. Revestido de um corpo mortal, Adão não tinha porque ter conhecido a morte. Mas nosso primeiro pai pecou, sendo o pecado antes de tudo “um pecado de egoísmo”. “O egoísmo é obra de Lúcifer e a causa da queda de Adão”.

Apesar da queda adâmica, o jardim do Éden não desapareceu, mas “está cheio de cardos e espinhos”. Apesar de que nossos sentidos afastem-se dela, existe uma força luminosa que imanta nosso centro até a Unidade. Todo o segredo consiste em saber despertá-la de um modo harmonioso e equilibrado.

O Sensorium

As forças divinas operam num órgão concreto. “Quem conhece esse órgão e sabe a maneira de apropriar-se dele ou entrar em contato com ele, possui o poder sobre a natureza inteira”. “Deus expressa um sol espiritual que religa o finito ao infinito. Este sol é o órgão da onipotência; os persas o chamavam Ormuz, os judeus Jehová, os gregos Logos”. “Este órgão é a natureza mortal e pura, a substância indestrutível que

¹³ Citado por Jean Daniélou em *Les symboles chrétiens primitifs*, Ed. du Seuil, Paris, 1961, p. 39. ¹⁴ *Sobre os Mistérios mais importantes da Religião*, p. 83, Munich, 1823.

vivifica tudo e leva a mais alta perfeição e felicidade; o primeiro homem foi criado a partir desta substância que é o elemento puro”. Este parágrafo impressionante, que alude ao mistério eucarístico (a Sagrada Forma é redonda, como o disco solar), é sem dúvida reveladora de uma liberdade espiritual que situa Eckartshausen acima das formas e acima dos dogmatismos.

Eckartshausen fala também de “um azeite de unção que renova o homem”. Este azeite, que reside no mais profundo da matéria física, é chamado *‘Electrum*, o elemento divino, o órgão ou *vehiculum* do espírito de Deus, o vestido de ouro da filha do rei”. Este *‘Electrum charmal aetherum* é o Verbo físico e glorioso, o corpo de Nosso Senhor Jesus Cristo”.

Ele o descreve como “um azeite verdadeiro, luminoso e incombustível: aquele que é ungido com ele depois de uma preparação suficiente, se converte em um verdadeiro rei e em um sacerdote de Deus; o Espírito Santo atuará através dele e lhe mostrará tudo”.

Este princípio vivifica o que está morto e desenvolve a luz que está enterrada em nós, dissolvendo o “glúten”¹⁴ do sangue.

A regeneração

O homem é um ser caído em um mundo tenebroso, separado da luz original, e a aceitação inteligente e humilde desta realidade é a base para vencer o orgulho que nos cega e para voltar a reencontrar nosso estado glorioso.

Mas, como fazê-lo? Como começar? Eckartshausen se revela como um grande mestre quando diz que “A oração é o primeiro passo que nos conduz à regeneração”.

“A regeneração é um renascimento, uma transfiguração que nos assegura a paz com nós mesmos e com a natureza inteira”.¹⁵

“A possibilidade de recuperar nosso corpo luminoso reside sempre em nós como uma semente pronta para germinar”.

Existe, na natureza física “uma substância pura que pode ajudar-nos a liberar a centelha divina encerrada em nós, esta substância é a essência paradisíaca que a queda do homem encerrou na matéria grosseira e que desde então enlanguesce sob suas cadeias”.¹⁶

O segredo da regeneração consiste em fazer desaparecer a casca que mantém prisioneiro o coração divino: esta é a construção do templo no qual Deus, a natureza e o homem estarão unidos para sempre.

“A verdadeira ciência real e sacerdotal é a ciência da regeneração, quer dizer, a reunião de Deus com o homem caído”.¹⁷

¹⁴ “Mais próximo da animalidade que do espírito” o glúten «constitui a matéria do pecado; seus efeitos variam segundo o modo em que é modificado pelas excitações sensíveis». “Esta substância é também a causa da ignorância e produz putrefação”.

¹⁵ *Esclarecimentos sobre a Magia, Op. Cit.*, IV-16.

¹⁶ *Esclarecimentos sobre a Magia*, IV-73.

¹⁷ *A Nuvem*, p. 99.

“Construir o verdadeiro templo é destruir a miserável cabana adâmica e substituí-la pelo templo de verdade; é desenvolver em nós o sentido interior a fim de que o princípio metafísico incorruptível supere o princípio terrestre”.¹⁸

A regeneração não se refere só ao homem: abarca a natureza inteira, que ele arrastou em sua queda. “A natureza aspira à sua restauração: espera com nostalgia o momento no qual a humanidade alcançará a mais alta perfeição”.

A oração

A característica principal do estado caído do ser humano é a separação. Neste mundo estamos separados da unidade, do centro, de Deus. Como escreve Eckartshausen, “Um espaço intermediário se interpõe entre nós e o objeto de nossa busca; a oração elimina este espaço”. Vimos que a oração era o primeiro passo que conduz à regeneração. Mas, o que é a oração? De onde procede? “A verdadeira oração, não provém da sinagoga nem do magnífico templo cristão, mas do coração do homem”. Uma vez purificado, este é sem dúvida o lugar onde se produz a fecundação de que fala o grande cabalista cristão Pico della Mirandola.

Em uma oração dirigida à “luz eterna”, aquela que brilha nas trevas, mas que elas não percebem, Eckartshausen pede “que sua própria Vontade abdique a fim de que seu coração se converta num lugar santo e que a divindade se expresse de novo nele, como em todos os demais homens separados de Deus em razão da queda”.

Desta forma, a oração, o diálogo na intimidade do coração entre a centelha divina do homem e Deus, deve ser começado através do estudo das Sagradas Escrituras, que é o meio mais eficaz para que possa realizar-se em nós, a Vontade de Deus, como sugere a mais famosa e também a mais mágica das orações “O Pai Nosso”.

Verifica-se como é bela a Criação e ainda mais seu Retorno, dali que os grandes Mestres Iluminados, Santos e Homens de Deus, passavam horas bebendo o néctar da Sabedoria Divina. Porque a Glória e Sabedoria do Pai Eterno são infinitas.

As Sagradas Escrituras dizem: “a Fé move montanhas”. Portanto, se o homem trabalhar convicto do que está realizando, poderá ter a certeza de que a “obra será realizada”.

FIM

¹⁸ A *Nuvem*, p. 30.